



Ministério da Educação  
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares  
Centro de Formação Continuada de Professores  
Secretaria de Educação do Distrito Federal  
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação  
Curso de Especialização em Gestão escolar

## **A IMPORTÂNCIA DO AFETO ENTRE A GESTÃO ESCOLAR E OS ALUNOS PARA A APRENDIZAGEM**

**Maria da Paz Campos Barros**

Professora-orientadora Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida  
Professora monitora-orientadora Mestre Mirian Mônaco Mota

Brasília (DF), Junho de 2014

**Maria da Paz Campos Barros**

**A IMPORTÂNCIA DO AFETO ENTRE A GESTÃO ESCOLAR E OS  
ALUNOS PARA A APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão Escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação da Professora-orientadora Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida e da Professora monitora-orientadora Mestre Mirian Mônaco Mota.

Brasília (DF), Junho de 2014

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Maria da Paz Campos Barros**

### **A IMPORTÂNCIA DO AFETO ENTRE A GESTÃO ESCOLAR E OS ALUNOS PARA A APRENDIZAGEM**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar pela seguinte banca examinadora:

---

---

Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de  
Almeida - FE/UFSC

(Professora-orientadora)

---

---

Mestre Mirian Mônico Mota-  
UnB/SEEDF

(Monitora-orientadora)

---

Prof. Dra. Janaína Mota Trindade EAPE/SEEDF  
(Examinadora externa)

Brasília, \_\_\_\_ de junho de 2014

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu muita disposição e força de vontade e a todos que direta ou indiretamente me ajudaram na elaboração do mesmo.

Agradeço à minha família pela paciência que sempre teve e ainda tem comigo, de modo especial à minha irmã Arlete que sempre me auxiliou nos momentos mais difíceis.

A afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento.

(Dantas).

## RESUMO

Este trabalho se fundamenta sobre a psicanálise em que, as emoções e compreensões humanas vão além das especificidades em campos distintos e analisa a relevância da constituição dos laços afetivos entre gestores, professores e alunos para o êxito no processo ensino aprendizagem. Esses laços afetivos constituídos entre estes atores escolares proporciona a relação de confiança, condição relevante para o aprendizado significativo. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, em que se adotou como estudo de caso uma escola pública do Ensino Fundamental do Gama/DF. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário, tendo como respondentes quatro gestores, vinte e quatro alunos e oito professores. Os resultados obtidos foram analisados a partir da construção de gráficos, sendo possível a percepção da importância da constituição dos laços afetivos entre a gestão, professores e alunos para a aprendizagem. A análise e a discussão dos resultados obtidos proporcionou a criação de algumas possibilidades e condições favoráveis, em que, estes atores escolares, puderam refletir sobre a prática pedagógica e passaram a considerar o outro como parte integrante da complexa arte de ensinar.

**Palavras chave:** Afetividade. Gestão. Aprendizagem.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1: Ambiente escolar .....</b>	<b>22</b>
<b>Gráfico 2: Relação com a equipe gestora .....</b>	<b>23</b>
<b>Gráfico 3: Perfil desejado da gestão escolar .....</b>	<b>24</b>
<b>Gráfico 4: Trabalho da gestão escolar para o crescimento pessoal do aluno ..</b>	<b>25</b>
<b>Gráfico 5: Consideração das relações afetivas no ambiente escolar por parte da gestão .....</b>	<b>26</b>
<b>Gráfico 6: Constituição de laços afetivos .....</b>	<b>27</b>
<b>Gráfico 7: Vivência trazida pelos alunos.....</b>	<b>28</b>
<b>Gráfico 8: Aluno indivíduo que também ensina .....</b>	<b>29</b>
<b>Gráfico 9: O aluno em sua singularidade.....</b>	<b>30</b>
<b>Gráfico 10: Subjetividade do professor.....</b>	<b>31</b>
<b>Gráfico 11: Constituição de laços afetivos .....</b>	<b>32</b>
<b>Gráfico 12: Vivência trazida pelos alunos.....</b>	<b>34</b>
<b>Gráfico 13: Aluno indivíduo que também ensina .....</b>	<b>35</b>
<b>Gráfico 14: O aluno em sua singularidade.....</b>	<b>36</b>
<b>Gráfico 15: Subjetividade do gestor .....</b>	<b>37</b>
<b>Gráfico 16: Constituição de laços afetivos .....</b>	<b>38</b>

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
1 APRENDIZAGEM .....	13
1.1 Afeto.....	13
2 APRENDIZAGEM E OS LAÇOS AFETIVOS .....	17
2.1 Gestões escolares e afetividade .....	18
3 METODOLOGIA .....	20
3.1 Delineamento da pesquisa.....	20
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A.....	46
APÊNDICE B .....	48
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	50
QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE.....	51
DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR .....	52

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O relacionamento entre gestor e aluno, pode resultar em consequências negativas, gerando conflitos no ambiente escolar. Diante disso, questiona-se em que momentos os conflitos dentro do contexto escolar dificultam o processo ensino aprendizagem do aluno. E como diferentes atitudes emocionais e comportamentais podem interferir na postura pedagógica da equipe gestora do ambiente escolar; o afeto, quando constituído no âmbito escolar, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios à aprendizagem do aluno.

A segurança e confiança depositada na gestão da escola são fundamentais para a construção do processo ensino aprendizagem do aluno.

O sentido subjetivo representa um sistema simbólico emocional em constante desenvolvimento, no qual cada um desses aspectos se evoca de forma recíproca, sem que um seja a causa do outro, provocando constantes e imprevisíveis desdobramentos que levam a novas configurações de sentido subjetivo.

Quando nos referimos à inteligência ou à capacidade cognitiva do ser humano, quase sempre estamos nos indagando sobre a capacidade de aprendizagem do indivíduo diante de um determinado objeto do conhecimento.

Os conceitos epistemológicos da aprendizagem são muitos e vão desde a teoria piagetiana da inteligência à teoria psicanalítica de Freud.

O afeto no ambiente escolar não está somente no ato de carinho como abraçar ou beijar o aluno como cumprimento de sua chegada ao recinto escolar. Mas é no olhar confiante da equipe gestora em relação à aprendizagem do aluno que proporciona segurança equilíbrio entre ambos.

As condições externas são adquiridas pelo estímulo dado pelo meio em que o sujeito está inserido e as internas são definidas pelo sujeito, ou o corpo como mediador da ação.

Na formação da linguagem afetiva em comum, ocorrerá o encontro da equipe gestora com o aluno para criação conceitual. Poder-se-á iniciar toda a aprendizagem a partir de um gesto imposto pelo gosto, pelo amor, na qual as necessidades de afeto, vinculados com as do conhecimento determinem as obrigações.

”O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra

forma, seriam impossíveis de acontecer.” (Vigotsky, 1987:101) O pensamento é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções.

O aluno não está preparado para entrar na escola e o afastamento dos pais se torna difícil para eles. Diante dessa situação, durante o processo ensino aprendizagem o aluno tem necessidade de se sentir aceito e acolhido dentro de suas limitações. Por isso o afeto vindo da equipe de gestão é o ponto principal para o aluno interagir com a escola.

O gestor também tem a necessidade de ser aceito e respeitado. Dessa forma, a necessidade de afeto do aluno e do gestor se entrelaça numa relação recíproca que evolui durante o ano letivo. Mas no decorrer desse período as necessidades afetivas se modificam e tornam-se cognitivas.

Considerando a importância da relação educador-educando no processo ensino aprendizagem e as necessidades de construir uma prática educativa que possibilite a reflexão, a crítica e a construção do conhecimento pautando-se nos problemas que ocorrem diariamente no ambiente escolar e no decorrer do processo ensino aprendizagem, fica claro que a vivência trazida pelos alunos torna o processo educativo mais dinâmico e interessante.

Não há como segregar a realidade escolar da realidade do mundo vivenciada pelos alunos, e sendo essa relação uma “via de mão dupla” tanto professor como aluno pode ensinar e aprender através de suas experiências.

Para isso utilizou-se o referencial teórico que se atenta para o afeto como ponto de equilíbrio, tanto para equipe gestora quanto para o aluno, contribuindo para o sucesso no processo ensino aprendizagem.

Este trabalho de pesquisa será realizado em uma escola de Ensino Fundamental da rede pública do DF. A escola trabalha com os anos finais do Ensino Fundamental. Funciona com o regular e tempo integral no diurno e Educação de Jovens e Adultos no turno noturno. No turno matutino são 05 turmas de 7ª série (8º ano) e 07 turmas de 6ºano. No turno vespertino são 07 turmas de 6ªsérie e 05 turmas de 8ª série, sendo que, o atendimento integral acontece através de projetos, para os alunos de 6ºs anos e 6ªs séries, no contra turno. Para este atendimento a escola conta com professores regentes e monitores. Contamos com uma sala apoio especializado, sala de Orientação Educacional, sala dos professores, mecanografia, secretaria, uma biblioteca que atende durante todo o período de funcionamento da escola,

administrativo, direção, laboratório de informática e ciências. A escola conta com uma supervisora pedagógica e quatro coordenadores. A escola recebe na sua maioria alunos oriundos do entorno do Gama porque a localização da escola proporciona o fácil acesso destes.

O tempo de permanência dos alunos atendidos em tempo integral na escola acarreta muitos problemas de relacionamento, fato que reflete na aprendizagem, em especial nos alunos de 6<sup>os</sup> anos, uma vez que as relações no campo afetivo destes alunos com a escola precisam ser construídas.

Considerando estes conflitos enfrentados por parte destes alunos de 6<sup>os</sup> anos, a pesquisa é embasada em como a gestão pode criar laços afetivos com estes alunos para melhorar o relacionamento que venha refletir na aprendizagem significativa levando-se em consideração de que forma os vínculos afetivos entre a gestão escolar e os alunos atuam no cenário pedagógico.

Diante desse desconforto pedagógico, houve um impasse: de que forma os vínculos afetivos entre a gestão escolar e os alunos atuam no cenário pedagógico? A partir daí, tomou-se a decisão de olhar de frente o problema e o aproveitar para um tema de pesquisa a ser investigado. Tendo como objetivos perceber a aprendizagem dos alunos a partir dos laços afetivos constituídos entre os atores da escola; descrever as dificuldades de aprendizagem dos alunos considerando a relação de afeto entre a gestão escolar e analisar de que forma a relação de afeto entre os atores escolares e os alunos pode contribuir para a melhor aprendizagem foram instrumentos utilizados para a elaboração deste.

Assim sendo a proposta é a pesquisa qualitativa, uma vez que o problema em questão trata da construção dos laços afetivos entre a escola e os alunos, portanto, mais condizente com o tipo de pesquisa escolhida por considerar o aluno com a sua história de vida, o que, o quantificar é estéril.

Os sujeitos da pesquisa foram os atores escolares: gestores, professores e alunos. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário para os atores escolares responderem.

A pesquisa propõe-se a melhor compreender a importância do afeto no processo ensino aprendizagem e as suas possíveis implicações na relação gestão-aluno. Um tema necessário e atual a ser investigado para além das pesquisas já concluídas e publicadas referenciadas na abordagem psicanalítica, buscando revelar: a importância do afeto entre a gestão escolar e os alunos para a aprendizagem.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, onde o primeiro se refere à aprendizagem e afeto, já o segundo faz referência aos laços afetivos, gestores escolares e afetividade. O terceiro se refere à metodologia adotada e, por fim, o quarto faz a análise e discussão dos dados.

## 1 APRENDIZAGEM

A grande maioria dos alunos adentra o ambiente escolar carregando na bagagem muitas fragilidades oriundas das deficiências familiares, é uma etapa de vida estruturalmente e psicologicamente diferenciada. Sendo, portanto relevante considerar o indivíduo na sua totalidade a fim de que as experiências vividas sejam mantidas e melhoradas para que laços afetivos entre os atores da escola possam ser constituídos contribuindo para a aprendizagem.

A aprendizagem não é criada, mas, construída a partir da diversidade das nossas relações com o outro e com o ambiente.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso muito mesmo, mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p.69)

O indivíduo adquire conhecimento à medida que se torna sujeito ativo, emancipado, condição possível a partir da aprendizagem passo a passo construída na interação do indivíduo com o seu meio.

A aprendizagem tem assim uma função integradora, estando diretamente relacionada ao desenvolvimento psicológico, denotando as possibilidades de interação e adaptação da pessoa à realidade ao longo da vida, sofrendo múltiplas influências de fatores ambientais e individuais. (PORTO, 2011, p. 40).

### 1.1 Afeto

Para a psicanálise, afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado, alegria ou tristeza; e afeto, o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã, exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral.

A psicanálise propiciou-me ponderações acerca da importância do afeto na relação professor-aluno, servindo de vínculo para o resgate efetivo do aprendizado e da motivação de aprender ligados ao desejo (inconsciente) inscrito desde os

primórdios da infância, sendo possível ao professor reconhecê-lo pela transferência. Essas reflexões justificam o propósito deste trabalho no sentido de aprofundar e pesquisar, ainda mais, o percurso do afeto no ato pedagógico.

Para compreender a presença do afeto no cenário pedagógico, faz necessário o diálogo entre disciplinas distantes e contraditórias que são a educação e a psicanálise, uma vez que a conexão entre ambas pode “iluminar” o fenômeno do afeto no ato pedagógico e de que maneira ele ocorre e como os atores se portam diante dele.

Segundo Filloux (1997) a articulação entre a psicanálise e a educação está dividida em quatro fases a saber: a primeira faz referência à relação de Freud e seus discípulos educadores; a segunda, se refere ao surgimento da revista pedagogia psicanalítica; já a terceira é direcionada às pedagogias de inspiração psicanalítica e a quarta, se refere às pesquisas atuais da psicanálise no campo pedagógico. Para Freud (1989), toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação.

O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações. Corrêa (2005, p. 1) afirma que “[...] o afeto possui uma concepção bastante ampla, envolvendo a História, a Filosofia, a Psicanálise (especialmente com Freud e Lacan), e também a Literatura.” Há, portanto, uma percepção da importância do afeto. Sendo assim, Abbagnano (1971) se refere sobre o assunto dizendo que: “Afeição é usado filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela”.

Os autores enfatizam a ampla concepção do afeto ao afirmar as diferentes áreas das ciências nas quais o conceito de afeto é trabalhado e as transformações que sofre a afeição por se tratar de uma ação.

KEATING (1997, p. 6) assim define a importância do toque nas relações de afeto:

A ciência e o instinto nos ensinam que uma boa forma de se alcançar a sensibilidade do ser humano é através do toque físico. E uma das formas mais importantes do toque é o abraço. Com um abraço, nós nos comunicamos no nível mais profundo. Basta um abraço para entendermos a vida na sua plenitude. Dentro de cada um de nós há um desejo muito grande de ter uma forma de contato que afirme o nosso potencial como pessoas em crescimento. A linguagem do abraço alimenta o espírito.

A autora considera a relevância do toque físico para o crescimento pleno da pessoa, coloca o contato físico como uma linguagem de segurança em que o indivíduo ao ser abraçado, o toque, vai além do contato físico.

A afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento, pois o homem logo que deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade, lentamente passou para a vida racional. Nesse sentido, a afetividade e inteligência se misturam, havendo o predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas, haverá uma permanente reciprocidade entre elas (DANTAS, 1992, p. 46).

O aluno como sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem. O declínio da função paterna e a fragilidade do lugar de autoridade traduzem-se, no espaço escolar, em transtornos da aprendizagem, violência e drogadição, trazendo inquietação aos pais e profissionais das áreas de educação e de saúde. (RUBIM et al 2007, p.2).

O autor descreve as dificuldades da aprendizagem e sociais a partir da fragilidade familiar. Descreve como a fragilidade da autoridade, no caso a paterna, pode inquietar tanto familiares quanto profissionais.

Nas palavras de Kupfer (2001, p.119), ao educador-aluno caberá estroçar, despedaçar, engolir pedaços, apenas aqueles que interessam ao seu desejo, e transferir... o sentido ditado por seu desejo.

Kupfer (2001, p. 120-121) afirma que em tempos nos quais o pragmático, o lucrativo, otimizado, imperam, é preciso resgatar um ensino em que o educador terá de se jogar no sabor do vento, sem intenção de manipular, fazer render.

Para o autor ensinar em uma sociedade voltada para o consumismo e que prioriza saberes fáceis, é preciso unir o saber com o querer, o fragmentar contextualizado. O indivíduo na sua formação complexa, e sua historicidade. O ensinar para aprender.

Para Carvalho (2005 p.3), o heterogêneo universo do ambiental, tomado enquanto relevante fenômeno sócio-histórico contemporâneo produz uma rede de significados e se apresenta como uma questão, catalisadora de um importante espaço argumentativo acerca dos valores éticos, políticos e existenciais que regulam a vida individual e coletiva.

A autora considera a heterogeneidade ambiental como parte indissociável na construção do alicerce significativo da existência humana.

O indivíduo é uma pequena parte de um todo no universo, neste caso educar o indivíduo enquanto sujeito consciente do seu lugar no universo é considerá-lo na sua totalidade, ou seja, o educar integra o afetivo ao cognitivo.

Para Almeida (1999, p. 89) é muito comum ignorar a articulação entre o afetivo, o cognitivo e o motor nas atividades escolares. A escola não tem clareza de que, ao cumprir a função de transmissora de conhecimento, lida paralelamente com outros aspectos do desenvolvimento diretamente relacionado ao aspecto cognitivo.

A escola não deve esperar que as crianças façam tudo o que querem, mas que elas queiram tudo o que fazem e que ajam e não seja forçada a ação... o que se deve fazer é explorar seus interesses, ligar a eles, isto é, a sua vida o que se deseja ensinar (CLAPAREDE *apud* SALTINI, 1998, p. 50).

Desse modo a escola deve priorizar a motivação, dando ênfase aos conhecimentos que ligam o aluno ao contexto, que o seu aprender não se desvincule da sua realidade, sendo o aluno sujeito ativo.

Freud, em 1920, disse que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas.

“A tarefa dos educadores não é a de ensinar às crianças alguns conceitos fundamentais, mas sim, a de colocá-las em circunstâncias favoráveis que lhes permitam descobrir aquilo que elas devem saber” (ASSIS, 1987, p.22).

O autor enfatiza a relevância da tarefa dos educadores, que é o ensinar pautado na curiosidade, criarem subsídios para que o aluno descubra o que “aprender”.

Freud (1914), no texto *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*, nos faz refletir sobre tal relação, enfatizando que a psicanálise nos mostrou que as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas que são de tão extrema importância para seu comportamento posterior, já estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce.

O autor afirma que o comportamento posterior dos indivíduos está diretamente ligado às atitudes emocionais adquiridas na idade precoce, afirmação fundamentada na psicanálise.

## 2 APRENDIZAGEM E OS LAÇOS AFETIVOS

Almeida (2009, p. 123) diz que, na concepção walloniana, o aluno é visto como uma pessoa completa [...] constituída tanto de sua estrutura orgânica como de seu contexto histórico, e traz inúmeras possibilidades de seu desenvolvimento que podem ser efetivadas conforme o meio lhe ofereça condições.

A afetividade e o desejo pouco têm sido teorizados na sua vinculação com o processo de aprendizagem. Isto porque a pedagogia tradicional, bem como algumas teorias psicológicas, baseadas no racionalismo e numa visão dualista do homem, têm considerado a aprendizagem como um processo exclusivamente consciente e produto da inteligência. A importância dos fatores relacional e afetivo implicados no ato de ensinar-aprender são descartados e a influência dos processos inconscientes na aquisição e elaboração do conhecimento é negada. (Almeida, 1993, p. 31)

A autora descreve a relevância do ensinar considerando o universo do indivíduo. Considerar a sua história a fim de contextualizar a aprendizagem. Coloca que na aquisição do conhecimento as relações afetivas são relevantes.

Para Leite e Tassoni (2002, p. 19), a qualidade da mediação, em muitos casos, determina toda a história futura da relação entre o aluno e um determinado conteúdo [...] uma mediação afetiva, com resultados também profundamente afetivos, [determina] processos de constituições individuais duradouros e importantes para o indivíduo.

Para os autores, em muitos casos, o êxito nos processos de constituições individuais relevantes para o indivíduo, se sustenta em uma mediação afetiva, com resultados profundamente afetivos, ou seja, o conhecimento cognitivo se sustenta a partir das mediações afetivas.

Almeida e Mahoney (2009, p. 153) afirmam que “Transformar o conteúdo específico em aprendizagem requer habilidades específicas, incluindo entre elas a das relações interpessoais, imbricadas nas teias cognitivo-afetivas”.

As autoras apontam a relevância da afeto na prática docente, ações que consideram o aluno como sujeito ativo, o ensino estabelece uma ponte entre o aluno e o conhecimento.

É na escola e nesse contexto que o sujeito é monitorado, disciplinado e preparado, e conseqüentemente demonstrará suas necessidades, suas angústias e desilusões, a partir de um sistema contextualizado em uma época em que o dinheiro e o reconhecimento social são elementos fundamentais para ser reconhecido,

respeitado e visto. (CORDIÉ; 1996, p.17), ainda segundo a autora buscam-se compreender as condições que possibilitam uma forma de subjetividade que produz esse sintoma culturalmente determinado de modo a repensar sobre os fatores implicados no fracasso escolar, aspecto sociocultural, conflitos familiares, sistemas pedagógicos, deficiência intelectual (CORDIÉ; 1996, p.22).

Para a autora é no contexto escolar que o sujeito demonstra a suas necessidades e que nesse contexto deve-se entender onde está a causa destas necessidades a fim de buscar subsídios que proporcione situação favorável de aprendizagem.

A personalidade de cada indivíduo se desenvolve sofrendo influências genéticas e ambientais, o que torna cada pessoa diferente. Entendendo que cada ser participa ativamente de seu mundo social e que obtém seus conceitos mediante as suas relações socioculturais e as influências que sofrem destas relações, entendemos que o ambiente familiar, o escolar e os outros cenários sociais participam na configuração de nossa individualidade, sejam nos traços psicológicos como nos aspectos afetivos emocionais.

O desenvolvimento da personalidade, segundo Freud, está ligado ao curso das pulsões sexuais e a forma como cada um resolve os conflitos que devem ser enfrentados nas fases oral, anal e fálica entre as pulsões libidinais as expectativas e normas sociais implicará o aparecimento e a fixação de determinados traços de personalidade que acompanharão o sujeito até sua etapa adulta (apud COLL et al., 2004).

## **2.1 Gestões escolares e afetividade**

As relações humanas, de fato, são complexas. Costa (2011) ressalta que o referencial psicanalítico pode proporcionar um novo olhar sobre a complexidade das relações humanas estabelecidas na dinâmica grupal da equipe escolar: como cada gestor imprime sua singularidade, como emergem laços emocionais a partir de protótipos identificatórios e projeções do ideal do ego (FREUD, 1921; 1927; 1930) e como as expectativas para com o adulto são atravessadas pela dimensão ativa do infantil por meio de atos transferenciais (TANIS, 1995).

Para além de profissionais são todos sujeitos da sua história mnêmica de vida e da constituição de seus saberes, formando uma dinâmica singular na relação consigo, com o outro e com o mundo (CHARLOT, 2000).

Para Cury, (2003, p. 139), a educação moderna está em crise, porque não é humanizada, separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim, separa o sujeito do objeto.

Para os autores não há como dissociar o sujeito aprendente do seu contexto, a singularidade do indivíduo é considerada com a educação humanizada.

Os professores são heróis anônimos, fazem um trabalho clandestino. Eles semeiam onde ninguém vê, nos bastidores da mente, aqueles que colhem os frutos dessas sementes raramente se lembram da sua origem, do labor dos que plantaram. Ser mestre é exercer um dos mais dignos papéis intelectuais da sociedade, embora um dos menos reconhecidos. Os alunos que não conseguem avaliar a importância dos seus mestres na construção da inteligência nunca conseguirão ser mestres na sinuosa arte de viver. (CURY, 2006, p. 133)

O autor enfatiza a relevância do mestre na arte de ensinar, semear na mente, significando tocar a singularidade do aluno para que este venha a ser um mestre no conturbado contexto do aprendizado.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Delineamento da pesquisa

A metodologia é o conjunto de regras que envolvem a pesquisa, estas, podem ser qualitativas, quantitativas, ou ainda, ambas em um mesmo trabalho e o instrumento da coleta de dados.

Segundo Haquette (1987) a história de vida, mais do que qualquer outra técnica, exceto talvez a observação participante, é aquela capaz de dar sentido à noção de processo. Este “processo em movimento” requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus medos, suas pressões e constrangimentos. Assim sendo a proposta é a pesquisa qualitativa, uma vez que o problema em questão trata da construção dos laços afetivos entre a escola e os alunos, portanto, mais condizente com o tipo de pesquisa escolhido por considerar o aluno com a sua história de vida, o que, o quantificar é estéril.

Os sujeitos da pesquisa serão os atores escolares: gestores, professores e alunos, segundo Mattar (1999), a atitude é uma predisposição subliminar da pessoa, resultante de experiências anteriores, da cognição e da afetividade, na determinação de sua reação comportamental em relação a um produto, organização, pessoa, fato ou situação. Assim, o gestor escolar assim como o professor antes de ser o “profissional” não deixa de ser um indivíduo com uma história de vida, com fracassos e sonhos. O agir está ligado ao contexto histórico deste sujeito. A identidade da escola vai se constituindo a partir da interação entre os sujeitos escolares, uma vez que, cada indivíduo com sua experiência de vida dentro do contexto escolar contribuem para que laços afetivos sejam constituídos entre os atores escolares proporcionando o educar integrado. O instrumento utilizado para a coleta de dados será o questionário, pois segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. O questionário será aplicado entre os professores, alunos e gestores da instituição.

A pesquisa realizada adotou os seguintes procedimentos e caminhos metodológicos:

- Etapa 1: Discussão e viabilidade do projeto de pesquisa;
- Etapa 2: Levantamento bibliográfico, leitura e fichamento dos livros;
- Etapa 3: Construção da fundamentação teórico-conceitual;
- Etapa 4: Aplicação do questionário;
- Etapa 5: Discussão dos dados obtidos na pesquisa

**a) Tipo de estudo**

Este estudo caracteriza-se por apresentar à pesquisa qualitativa.

**b) Amostra**

Professores: oito

Alunos: vinte e quatro

Gestores: quatro

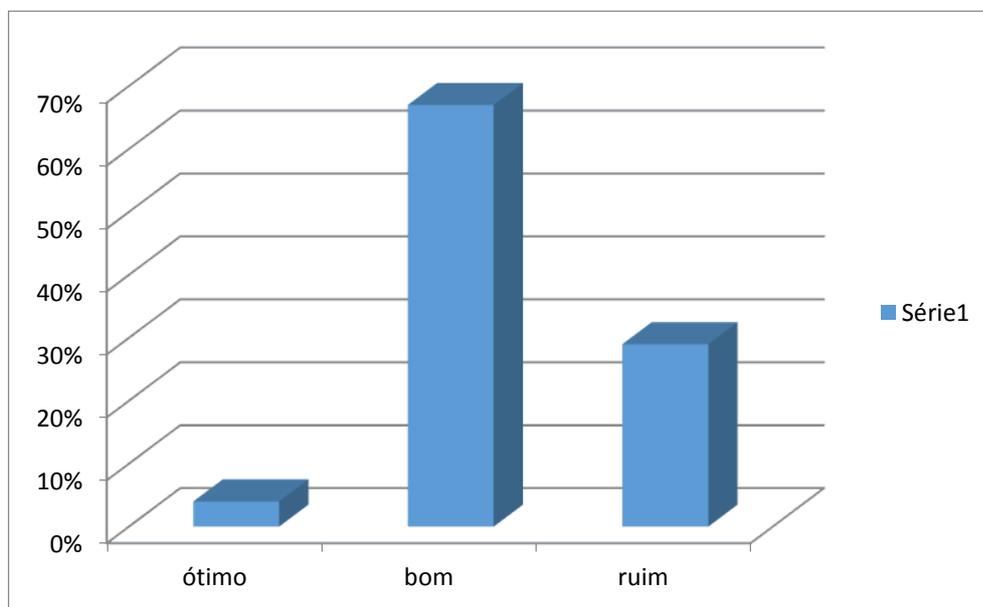
**c) Amostragem**

A amostragem foi intencional

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

a) Resposta do questionário feito com os alunos.

**Gráfico 1: Ambiente escolar**

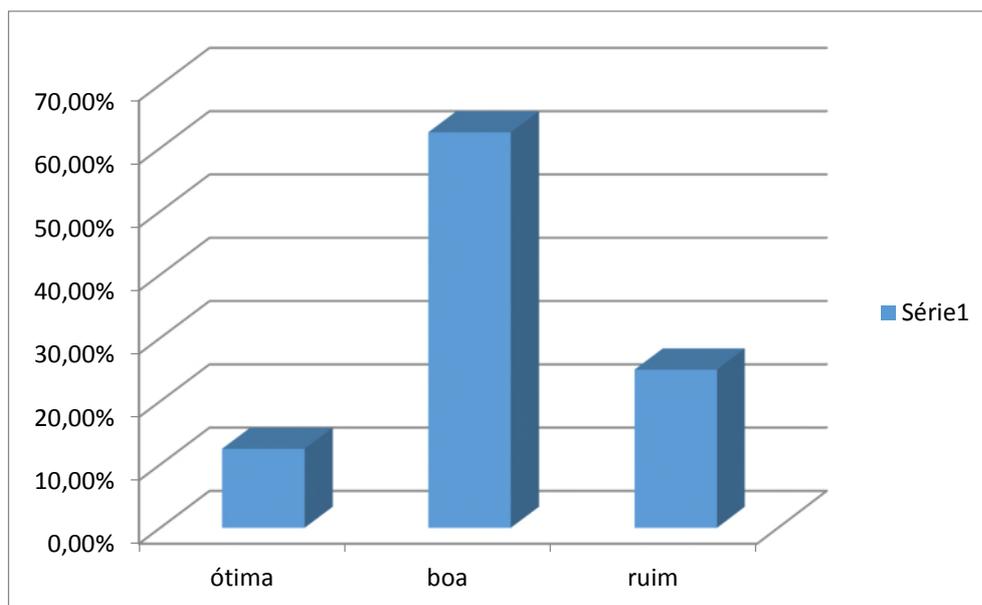


Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Segundo Almeida (1999) como meio social é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos.

De acordo com os dados da pesquisa obtidos, o ambiente escolar é visto pelos alunos como sendo um ambiente bom, pois se interagem uns com os outros e com professores. As aulas são boas, as salas bem arejadas.

A escola pode sim por meio de intervenções, motivar e sensibilizar tanto alunos quanto professores a repensarem suas ações no ambiente escolar, otimizando o processo ensino aprendizagem. O aluno hoje precisa da escola para sua educação formal e também afetiva, uma vez que nem sempre a família os atende em suas necessidades.

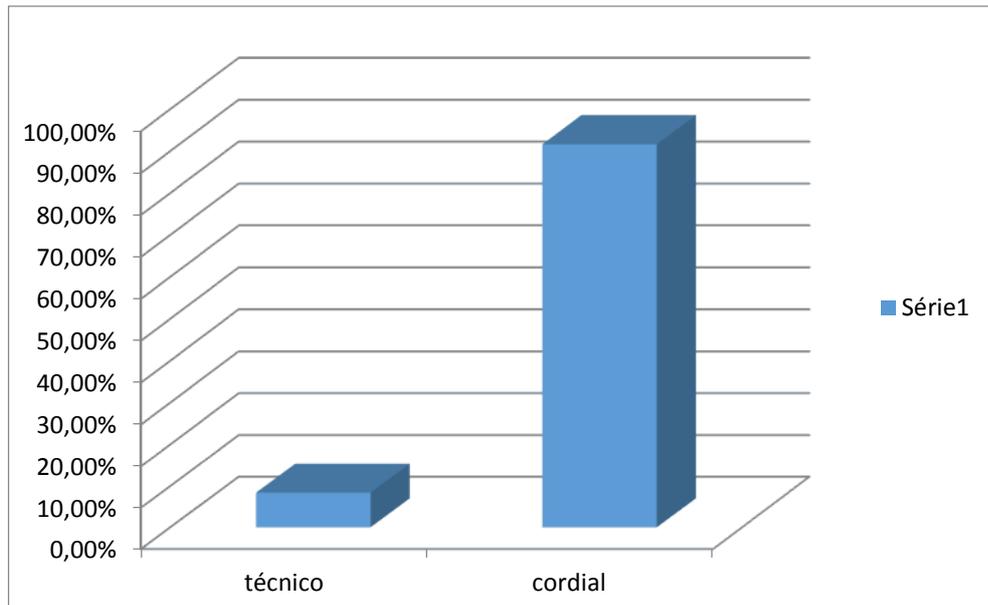
**Gráfico 2: Relação com a equipe gestora**

Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Em análise dos dados, observou-se que os alunos têm uma boa relação com a equipe gestora da escola. São respeitados e prestam respeito para com os gestores; há uma relação de amizade entre a equipe gestora e os alunos. Quando há problemas e/ou dúvidas por parte dos alunos, a equipe tenta solucionar da melhor maneira possível, pois estão sempre prontos para ajudar o aluno a alcançar o sucesso no processo ensino aprendizagem.

Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro têm fundamental importância. No ambiente escolar, pode-se dizer que a interação gestão-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem.

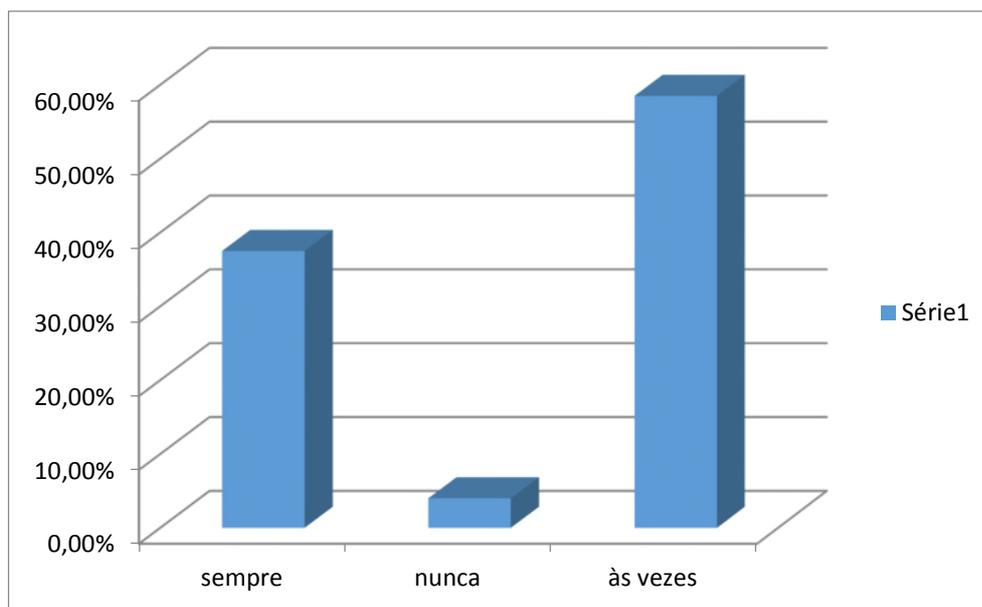
Apesar das evidências apontando uma forte relação entre o rendimento estudantil e o nível social, cultural e econômico dos alunos, confirmado por pesquisas diversas (citadas dentre outros por Bressoux, 2003 e Macbeth & Mortimore, 2001), esta tese demonstra que há relações de interferência tanto entre o perfil da qualificação e da experiência do diretor escolar e os resultados apresentados pelos alunos nos testes estandardizados, quanto entre o perfil da gestão escolar democrática e aqueles resultados estudantis.

**Gráfico 3: Perfil desejado da gestão escolar**

Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Nota-se pelos dados que o aluno deseja uma gestão cordial, na qual haja uma relação de amizade entre os gestores e alunos. Desta forma o educando irá adquirir autoconfiança para se expressar melhor com os colegas e/ou professores.

A equipe gestora deve ter como grande objetivo garantir que todos os seus alunos aprendam e que nenhum fique para trás. Cury (2003) afirma que, a educação moderna está em crise, porque não é humanizada, separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim, separa o sujeito do objeto, assim sendo, a equipe gestora ao constituir uma relação cordial com o educando proporciona uma educação humanizada, com êxito na aprendizagem.

**Gráfico 4: Trabalho da gestão escolar para o crescimento pessoal do aluno**

Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Quando há a intenção pedagógica de inserir uma gestão democrática na escola e se pretende obter o engajamento dos pais como uma proposta de educação, uma meta da escola, encontram-se as possibilidades de transformação. Desse modo, conforme Campos e Scheibe (2010) é no caráter educativo da gestão escolar democrática que encontramos as possibilidades de mudança. Ao se constituir como um espaço coletivo de partilhamento de poder torna-se um espaço pedagógico rico em possibilidades de aprendizagens para o exercício da cidadania.

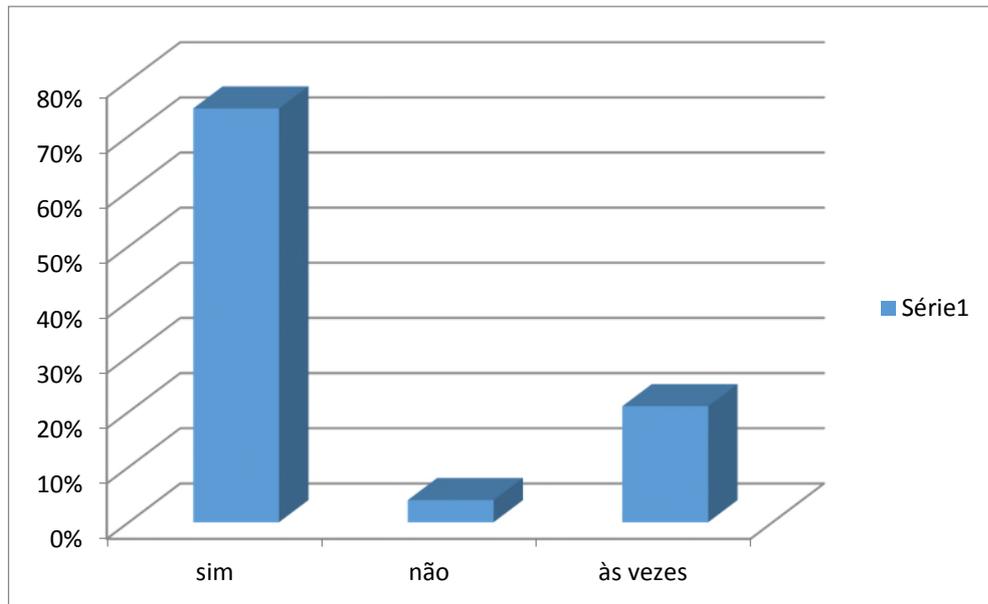
Os dados da pesquisa mostram que a gestão da escola trabalha no sentido de não prejudicar os alunos. Se desempenha a cada dia para ajudá-los, pois essa é a finalidade da escola, fazer com que o aluno cresça, mental, intelectual e socialmente, ou seja, transformá-lo em um cidadão participativo.

É preciso que os gestores se reeduquem na perspectiva de uma ética e de uma política no sentido de criar novas formas de participação na escola pública, tais como ouvindo, registrando e divulgando o que os alunos e comunidade pensam, falam, escrevem sobre a liberdade da escola pública e as desigualdades da sociedade brasileira.

O autoconceito não é algo inato, é construído ao longo do tempo, se desenvolve e evolui com características distintas em cada fase da vida do ser humano

e sofre influências das pessoas significativas do ambiente familiar, escolar e social, e das próprias experiências de sucesso e de fracasso.

**Gráfico 5: Consideração das relações afetivas no ambiente escolar por parte da gestão**

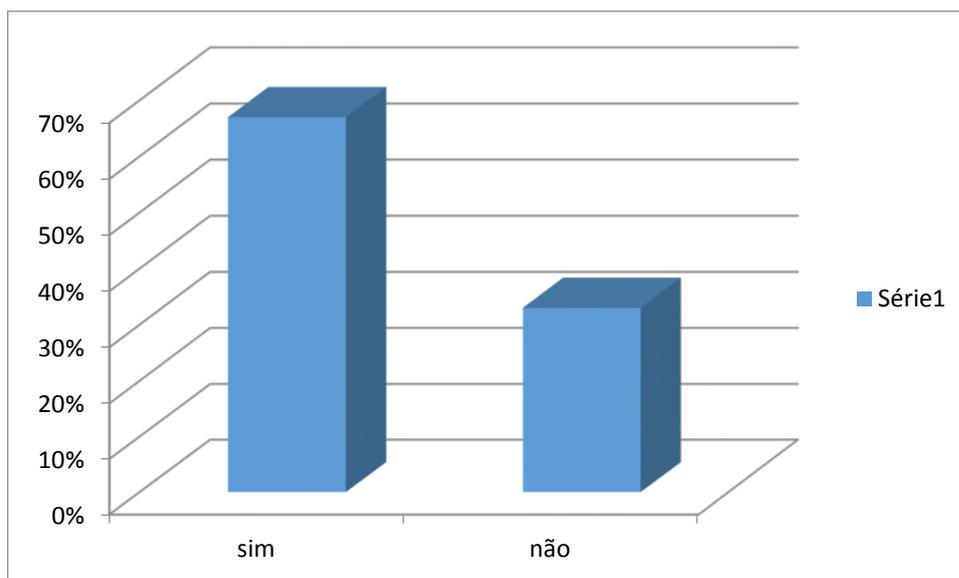


Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Para Amaral (2006) embora muito se tenha indagado acerca das contribuições psicanalíticas no ato pedagógico, pouco se progrediu no sentido de refletir considerando a participação dos afetos nos campos do ensino e da aprendizagem. Não é possível ignorar, segundo a autora, que a equipe de gestão torna-se objeto da mesma ambivalência (amor/ódio) antes dirigida aos pais.

A análise dos dados mostra que a constituição dos laços afetivos dentro do ambiente escolar é de extrema importância para o bom rendimento do aluno. Melhora a convivência com os colegas, professores e demais segmentos na escola.

Para Freud (1989) o afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações, assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite ao aluno enxergar-se nesse processo de construção de conhecimento.

**Gráfico 6: Constituição de laços afetivos**

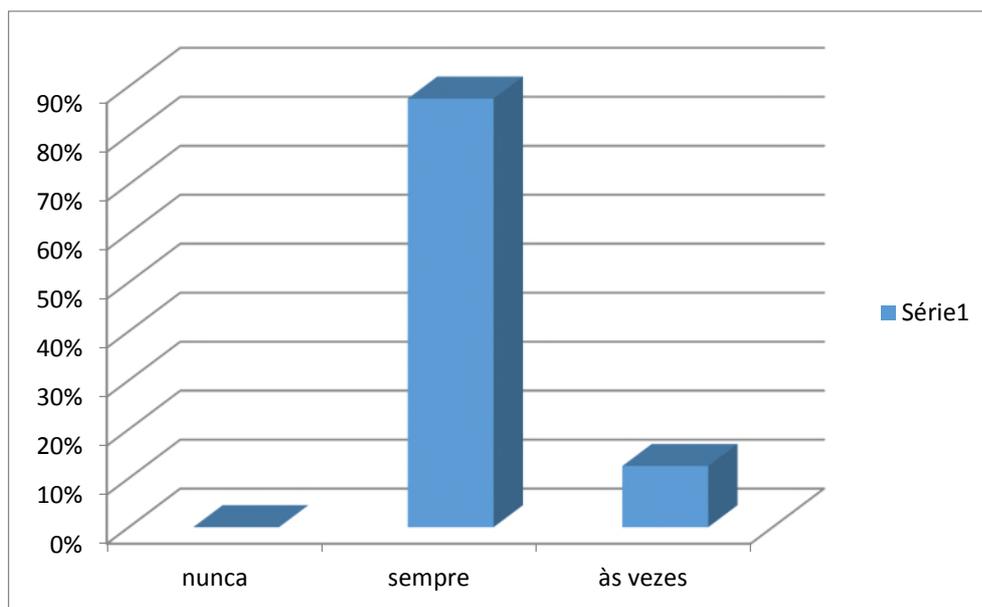
Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Em análise de dados, observou-se que na concepção de Mota, Oliveira e Prazeres (2006) na psicanálise, as primeiras relações da criança com seus genitores possuem grande importância, pois consideram essas relações protótipos das demais relações sociais, ou seja, a relação original determina a maneira como o sujeito inicia as suas novas relações.

Para FREUD (1914) é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres.

A afetividade exige respeito acima de tudo. E respeito só se adquire depois que se tem educação. A educação é a essência do processo ensino aprendizagem; com educação há o diálogo e conseqüentemente mais proximidade entre alunos e professores.

b) Resposta do questionário feito com os professores

**Gráfico 7: Vivência trazida pelos alunos**

Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

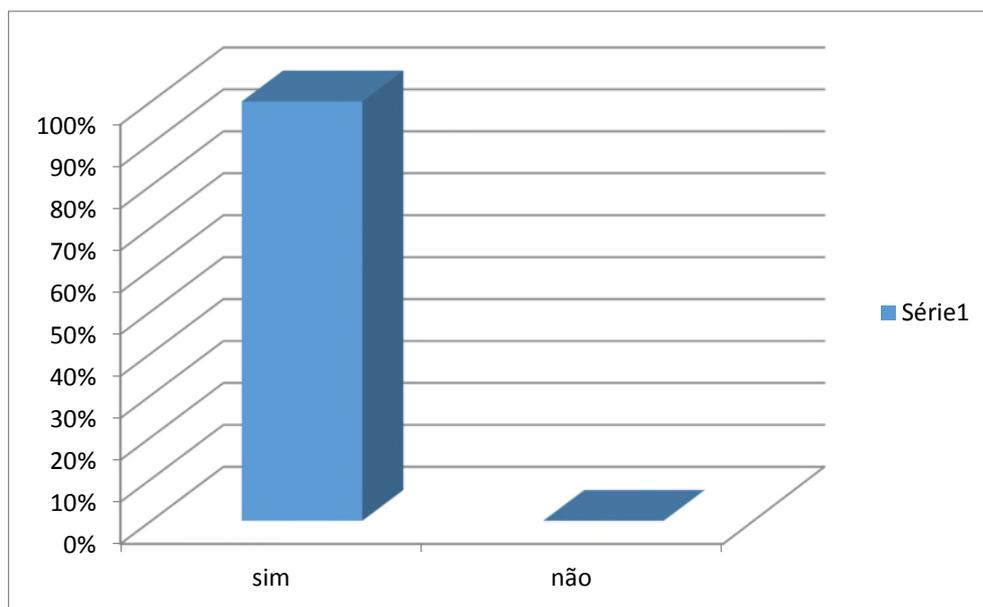
Segundo Mauco (1968), “cada um capta e reage ao desejo do outro. Os inconscientes falam entre si sem utilizar as palavras e iludindo o consciente.” (p.33). Para o autor a linguagem do inconsciente manifesta desejos, angústias, bloqueios afetivos; é uma linguagem que exprime respostas e demandas do inconsciente.

Dessa maneira, o aluno, ao chegar à escola traz consigo toda experiência já vivida e inconscientemente uma carga relacional de seus recalcamientos frustrações e entra em contato com o professor (que também tem suas experiências, recalcamientos e frustrações).

Nota-se pelos dados obtidos que a vivência trazida pelos alunos sempre influencia no processo de ensino aprendizagem seja negativamente ou positivamente, pois o aluno também aprende e ensina com o meio ao qual está inserido.

O conhecimento é um processo que se constrói. A vivência trazida pelos alunos faz parte dessa construção e a partir dos conceitos vivenciados e a formação adquirida de cada um obtêm-se resultados que podem ser satisfatórios ou não.

É necessária uma busca e reflexão constantes por meios que favoreçam o processo de aprendizagem. Daí a importância do cotidiano de cada aluno para entendimento e significação dos conteúdos.

**Gráfico 8: Aluno indivíduo que também ensina**

Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Observou-se em Ornellas (2005) que a relação professor-aluno é vista como um campo de condutas humanas denominadas no espaço pedagógico de (in) disciplina. É importante que o educador perceba os afetos e emoções dos alunos, e possa compreendê-los como sendo a presença da descarga psíquica de determinantes inconscientes manifestando-se nas atitudes desses mesmos alunos, interpretando-a como de origem inconsciente e não designá-las como embates puramente de cunho pessoal ou atos indisciplinados.

Kupfer (2001) sugere, perante os sentimentos dos alunos, que o professor pode através das produções estudantis (desenhos, falas e jogos) aproximar-se daquilo que os objetos, por exemplo, sua mãe, representem para eles, ou seja, através das representações.

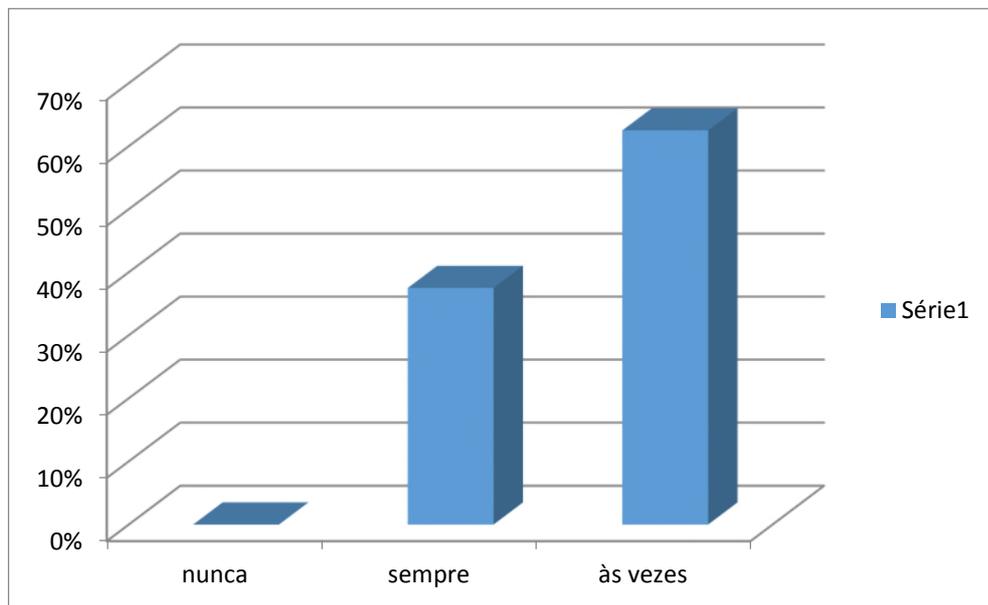
Percebe-se nesse momento que há a necessidade de escutar os alunos, sem se colocar em posição defensiva, mas que não é um processo simples e fácil, porque muitas vezes, o professor não consegue escutar pelo fato de que também precisa ser escutado em sua singularidade.

Em análise dos dados, observou-se que o aluno é um indivíduo que também ensina. O educador aprende muito quando está ensinando, pois o aluno traz consigo uma bagagem de conhecimentos para ser repassada em sala de aula entre seus

colegas e/ou professores. Desta forma está contribuindo para o aprendizado dos outros.

A relação estabelecida entre professores e alunos constitui o ápice do processo pedagógico. O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho do educador nunca é unidirecional. As respostas e opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor.

**Gráfico 9: O aluno em sua singularidade**



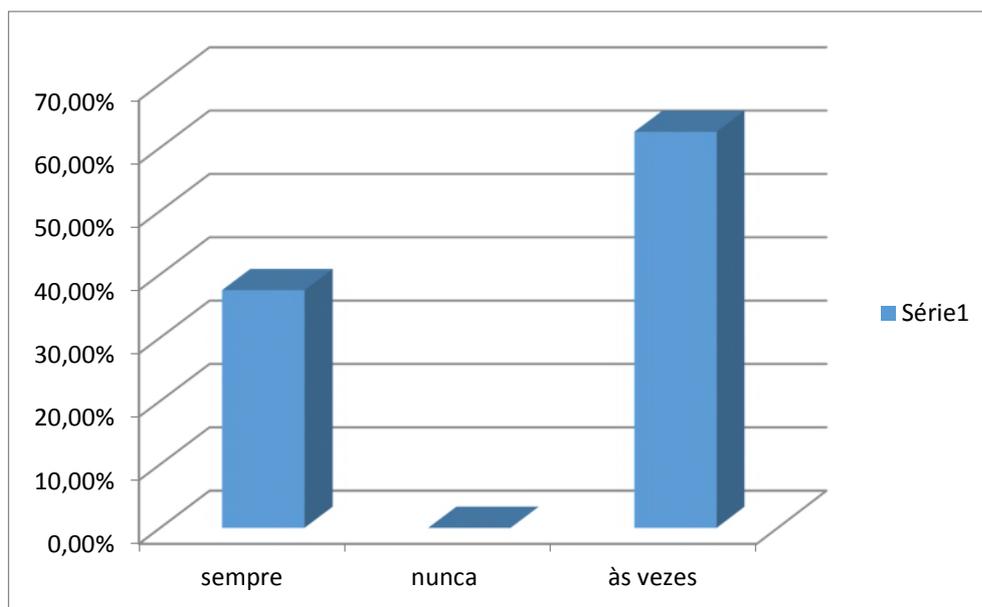
Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Freud (1989) construiu o conceito de inconsciente a partir da cogitação de que a criança, no decorrer de seu desenvolvimento, passa por um processo de socialização progressiva, que certamente, influirá no destino de suas pulsões (necessidades primitivas e vitais); pulsões essas que, em grande parte, não terão acesso à vida consciente.

De acordo com a análise dos dados, nem sempre é possível tratar o aluno em sua singularidade devido ao quantitativo das salas de aula. E isso dificulta o processo ensino aprendizagem. O ideal seria ter turmas reduzidas para um melhor atendimento da clientela.

Para Kupfer (2000) é preciso resgatar um ensino em que o educador terá de se jogar no sabor do vento, sem intenção de manipular, fazer render. Assim, o professor irá além do ideal.

**Gráfico 10: Subjetividade do professor**



Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Para Minerbo (2002), a teoria psicanalítica ajuda a dar sentido, para além do senso comum, ao significante “alunos que dão trabalho”, construindo interpretativamente na tentativa de abrir ao professor outras possibilidades de compreensão. O ponto crucial é buscar a compreensão de fenômenos que fogem das explicações racionais e que muito frustam o trabalho pedagógico.

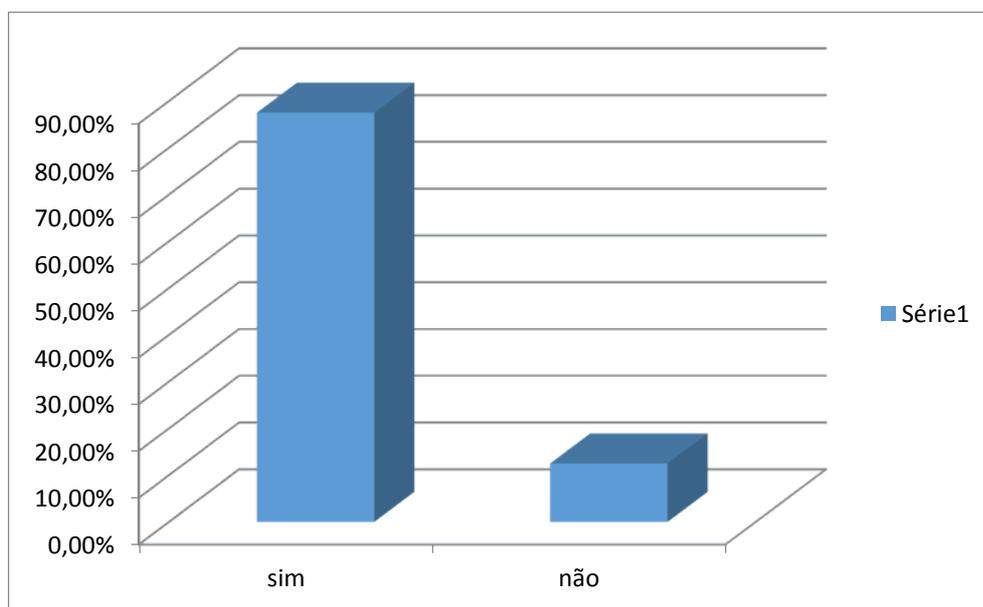
O inconsciente não pode ser banido da sala de aula como se não existisse e fundamentalmente como se não interferisse nas relações pedagógicas.

Os dados da pesquisa mostram uma porcentagem muito próxima, em que no primeiro momento a subjetividade do professor pode influenciar na subjetividade do aluno sempre que nos moldamos por toda a vida através do contato com o outro e dessa forma contribui-se para a formação de um cidadão não crítico.

Por outro lado em porcentagem não muito distante, a subjetividade do professor pode não influenciar na dos alunos haja vista que há a troca de experiências diariamente e nem sempre a cultura de um indivíduo pode influenciar a de outro.

Mesmo contribuindo para que a subjetividade do professor não atrapalhe a do aluno a mesma pode aflorar no processo educativo.

**Gráfico 11: Constituição de laços afetivos**



Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

A palavra afeto vem do latim affectur (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. O afeto, do latim affectus, corresponde no português (FERREIRA, 1999, p. 62) a “sentimento de amizade”, “afeição”, “carinho”, “afabilidade”. Assim, quando se pensa em “afeição”, vêm naturalmente à mente imagens relacionadas a cuidado, acolhimento, aceitação, afago.

Para ser afeto, precisa afetar, tocar, contactar aquele que estava “sujeito a”, produzindo uma mudança de estado. Assim, o afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista.

Laplanche e Pontalis (1991) observou que no cenário pedagógico ocorre a transmissão, contágio, tradução e até audição, ou seja, ocorre o processo em que os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos em certo tipo de relação estabelecida. O cenário pedagógico ocorre a transferência entre professor-aluno, e é nessa relação que se dá o aprendizado, uma vez que o aluno traz seus desejos inconscientes e os direciona ao professor.

Ao ocupar o lugar das figuras parentais, o docente herda, portanto as antigas relações às quais os alunos viveram com seus pais. Se não estabelecer nada parecido

com a relação de transferência, não se dá a aprendizagem, pois o aluno aprende por amor, e quando se diz que é sobre transferência que se dá o conhecimento, está-se referindo ao que o aluno transfere para o professor, e, por isso, torna o ato pedagógico possível.

É de extrema relevância a constituição de laços afetivos entre os segmentos escolares para uma melhor aprendizagem dos alunos, pois dessa forma é possível trazer a família para dentro do contexto escolar e formalizar um processo de busca coletiva para tentar solucionar os problemas escolares e/ou familiares.

Freud (1913) parte da sua experiência com as histéricas para construir uma teoria dos afetos que é, no entanto, desenvolvida em termos metapsicológicos, nos quais o afeto é definido como um representante da pulsão. Conceito central da metapsicologia freudiana – visto que o seu desenvolvimento marca importantes viradas teóricas na obra do criador da psicanálise –, a pulsão é uma força caracterizada como interna e apoiada em funções biológicas, sem que se confunda, contudo, com estas.

A centralidade da ideia de pulsão também se refere à articulação que este conceito pretende exprimir entre as instâncias do corpo e da mente. A pulsão tem sua origem no corpo e sua ligação com a esfera psíquica é feita pelos representantes pulsionais: o afeto e a representação.

O afeto é, assim, um representante pulsional, que, ao lado da representação, intermedia o acesso da pulsão à esfera psíquica, já que a primeira tem sua fonte no corpo. Para Freud (1910), o afeto é uma energia, enquanto que a representação é uma ideia.

Haverá maior interação entre os vários segmentos, para que conhecendo melhor o aluno, o educador possa fazer interferências para o bom desenvolvimento do processo ensino aprendizagem.

Nota-se pelos dados obtidos que, os laços afetivos são fundamentais para o bom desenvolvimento do processo ensino aprendizagem. O tripé escola, família e comunidade é de suma importância, pois é onde existem ligações entre as partes integrantes dessas três peças.

Assim, vemos que a teoria dos afetos criada por Freud está imbricada nos pressupostos da metapsicologia e nas teorizações acerca da cultura. O criador da psicanálise empreende uma separação entre natureza e cultura com a descrição do mecanismo do recalque, assim como entre razão e paixão, já que o afeto – pura

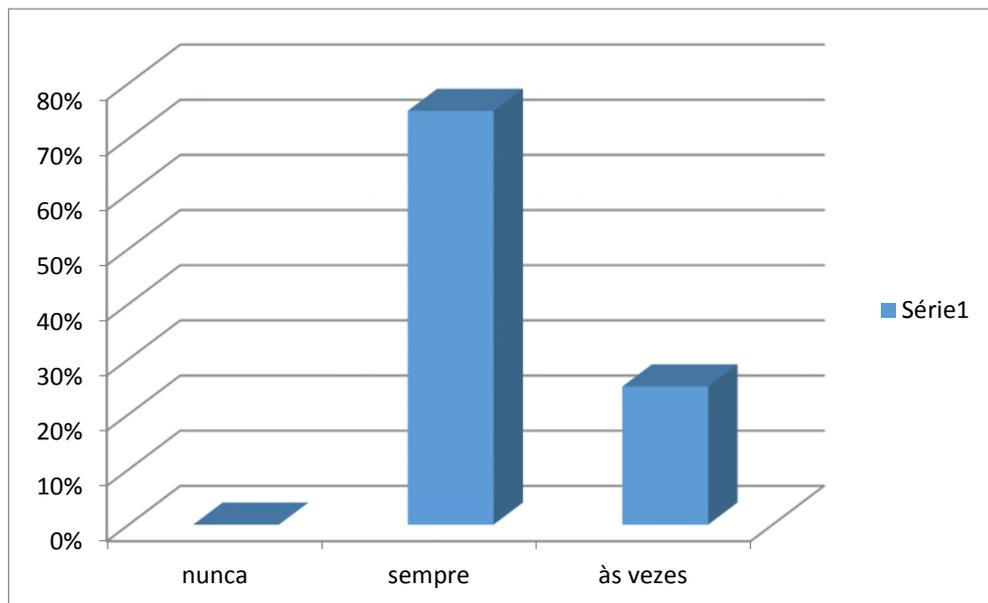
energia – pode se separar da representação, que dá a ele um sentido dentro de uma cadeia de representantes-representação.

Da mesma forma que é preciso renunciar a instintos primitivos para fazer parte de uma civilização, também é preciso transformar os instintos através da ligação destes a representações. Sem essa passagem, não há cultura, apenas o caos que, para Freud, constitui a natureza.

Ouvir cada um desses segmentos, levar em consideração suas necessidades traz benefícios a todos.

c) Resposta do questionário feito com os gestores

**Gráfico 12: Vivência trazida pelos alunos**



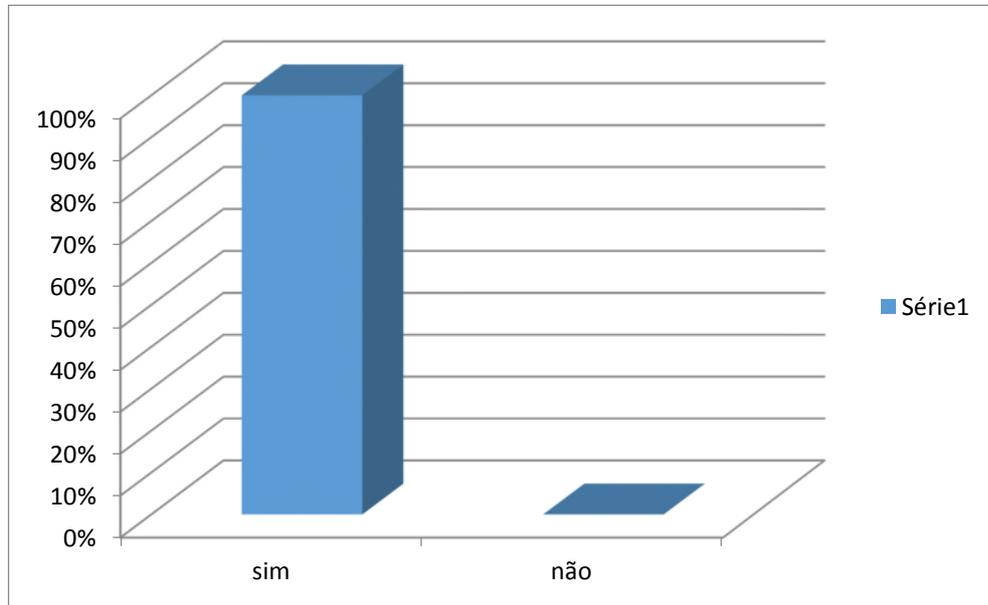
Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Souza (2003) afirma que o aluno, antes de ser aluno, é um jovem que tem uma vida fora da escola, em casa, no trabalho e com os amigos. E para compreendermos a “vivência escolar e que tipo de sujeito está sendo produzido na escola, é justamente como um ‘jovem’ que cresce e se desenvolve em todas as dimensões de sua vida que o aluno deve ser considerado” (p. 45).

Os dados da pesquisa mostram que a vivência trazida pelos alunos influencia no processo de ensino aprendizagem, visto que a educação deve estar atrelada à vivência do aluno para um melhor aprendizado.

É preciso valorizar toda a bagagem de aprendizagem do aluno. A partir de experiências anteriores é que se dá o processo de ensino aprendizagem.

**Gráfico 13: Aluno indivíduo que também ensina**



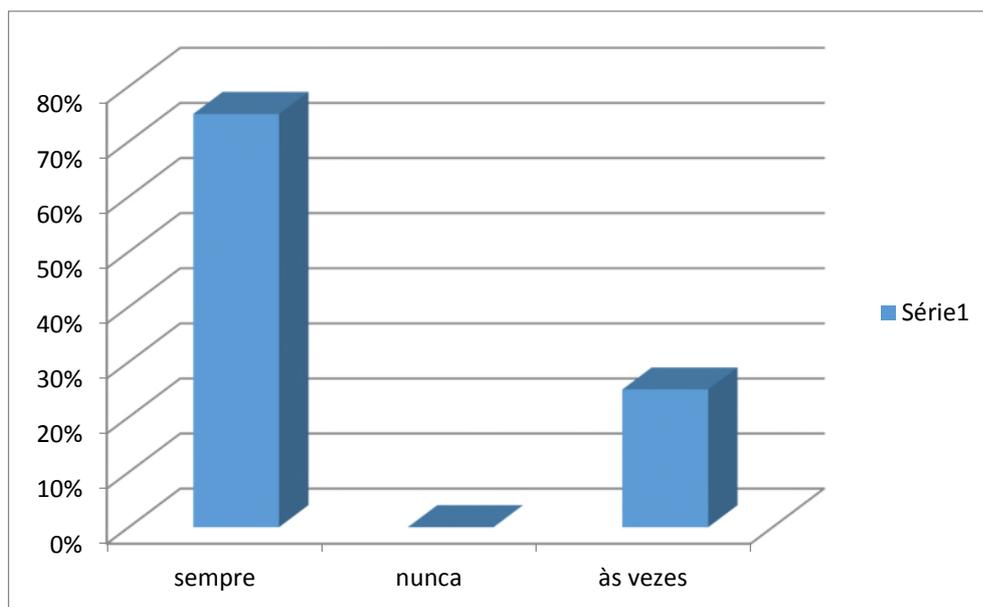
Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

Freud (1913) afirma que somente é possível educar um aluno quem souber sondar a mente dele, mas para isso é preciso entender a nossa própria infância.

De acordo com dados da pesquisa, o aluno é um indivíduo que não só aprende, mas que também ensina, todos tem algo a acrescentar e ensinar. O processo de ensino aprendizagem é uma troca de experiência, uma vez que o aluno é considerado um ser pensante e reflexivo do contexto em que vive.

O indivíduo é um ser em constante desenvolvimento, portanto, aprende e ensina. Isso é o processo de se viver em sociedade.

É importante ressaltar que o aluno aprende quando consegue captar o brilho no olho do mestre ao supor nele um sujeito desejanste e capaz de aprender.

**Gráfico 14: O aluno em sua singularidade**

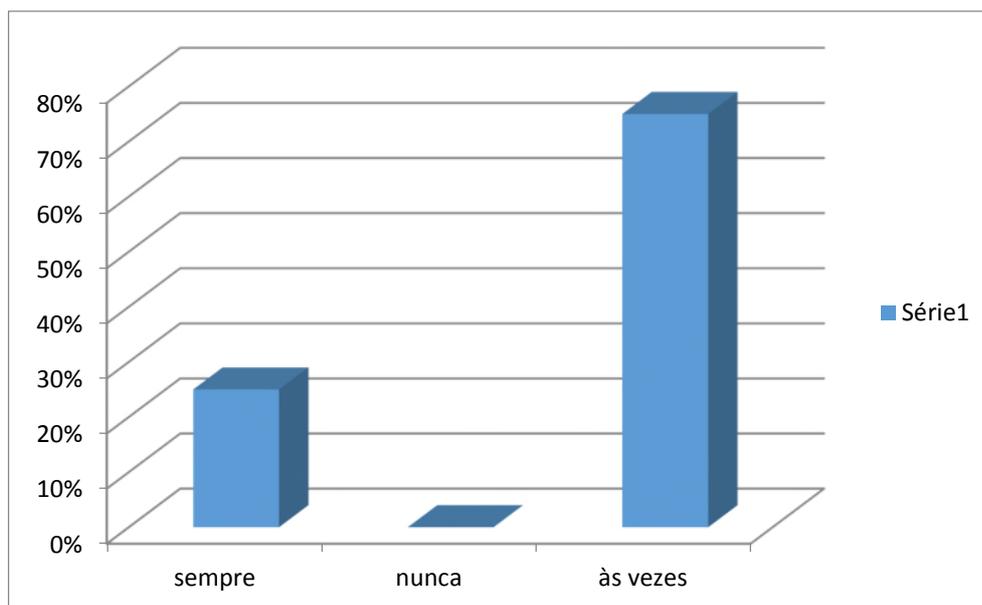
Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

A noção de estilo utilizada por Kupfer (1999) para interrogar o estatuto dos chamados problemas de aprendizagem, levando-se em conta, o aluno em sua singularidade, provoca uma revisão dos conceitos envolvidos. Para aquele que endossa os pressupostos da psicanálise, trata-se de redimensionar os problemas de aprendizagem, ou melhor, os sintomas que são nomeados dessa forma.

De acordo com os dados obtidos observou-se que, o aluno é tratado em sua singularidade até porque novos conhecimentos são sempre bem vindos. E apesar de estar em um ambiente coletivo, deve-se analisar todos os seres de forma individual.

Todo indivíduo tem sua particularidade. O educador deve estar atento ao modo extraordinário de proceder ou de pensar do seu aluno, pois ele é um ser único.

A escola como espaço democrático é o lugar instituído e legitimado para o desenvolvimento das capacidades cognitivas de cada aluno e pelo processo de ensino aprendizagem, no qual o trabalho pedagógico a ser realizado deve considerar a diversidade do alunado.

**Gráfico 15: Subjetividade do gestor**

Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

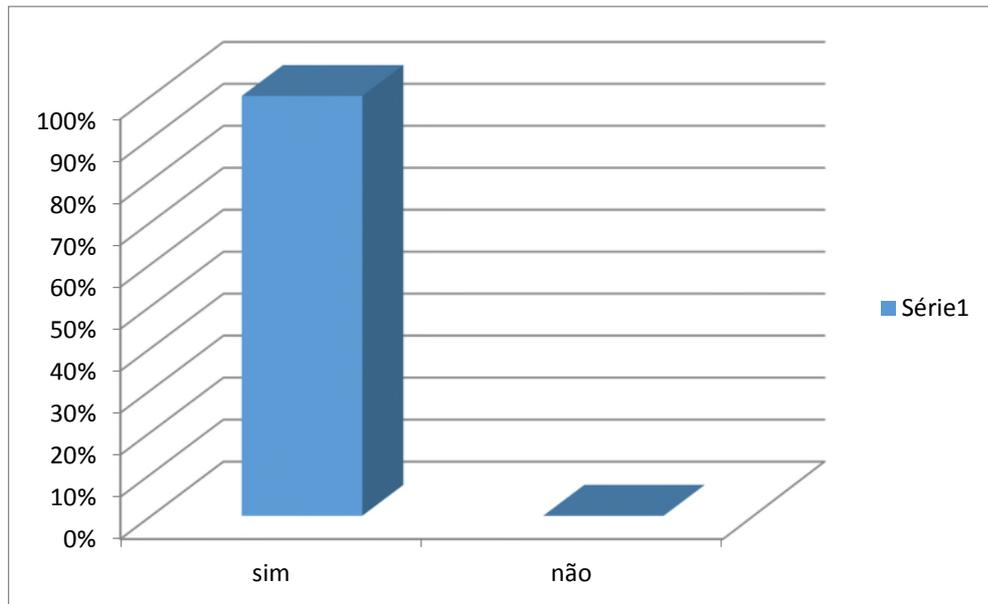
Nota-se pelos resultados obtidos que a subjetividade do gestor nem sempre influencia na subjetividade do aluno, uma vez que pode existir certo distanciamento entre ambos, Mauco (1968), evidencia que os laços escolares não têm a mesma intensidade que os familiares. Pois na família, o aluno, é produto do pai e da mãe simbólica e biologicamente, contudo na escola é um membro do grupo submetido a autoridade professoral. Assim sendo, fica mais fácil ele distanciar-se e dominar suas pulsões relacionadas ao mestre e aos colegas. O cenário pedagógico proporciona, assim, a oportunidade para o aluno reviver as relações em condições mais leves. Suas emoções podem ser revividas tornando possível, para Mauco (1968) uma 'desdramatização' e uma redução das tensões angustiantes.

A subjetividade do educador pode influenciar na subjetividade do aluno quando existe a relação professor/aluno, e ambos trocam experiências, ideologias e crenças, mesmo que empiricamente.

Às vezes a subjetividade do professor pode influenciar no modo de pensar do aluno, como ele se vê e se sente perante a sociedade e no mundo ao qual está inserido. Na teoria freudiana, o sujeito está sempre impossibilitado à satisfação total e fica a falta que o condena a uma infelicidade, e este mal estar determina as ideias de avanço e/ou progresso e o objeto de desejo inatingível.

Uma educação analítica com metas profiláticas às neuroses, não se faz possível, pois, Catherine Millot (apud Kupfer 2000), não há como evitar as neuroses, uma vez que elas são constituintes de nossa subjetivação.

**Gráfico 16: Constituição de laços afetivos**



Fonte: Dados obtidos pela autora da pesquisa, 2014

De acordo com os dados obtidos da pesquisa, a constituição de laços afetivos entre os segmentos escolares ratifica o êxito no processo de ensino aprendizagem.

Freud (1910) estabelece que a natureza das emoções é ser sentida e não teria significado algum recalcar os afetos. Ao recalcar uma ideia desvincula-se o afeto de sua representação.

Mauco (1968) o processo afetivo é quantitativo sendo possível ser aumentado, diminuído ou deslocado. Também centrífugo por procurar sempre uma descarga, autônomo ao se desligar da ideia primitiva a qual estava associado e deslocado para uma nova ideia ou representação.

Construir laços afetivos entre os segmentos escolares é uma boa alternativa para a melhor aprendizagem dos mesmos. A participação dos segmentos em conselhos escolares, festividades, gincanas, feiras culturais, torneios, exposições etc fazem com que o educando tenha uma melhor aprendizagem.

Campos (2011) considera que a equipe gestora deverá proporcionar diversos mecanismos para que o aluno possa escolher o seu caminho, entre muitos,

determinando aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu pensar a educação a partir das teorias freudianas que têm como aporte primordial a psicanálise em que, fatores inconscientes são a base para a complicada relação do indivíduo com o seu universo significativo, assim, considerando as inter-relações entre os atores escolares.

Embora Freud seja um pensador da virada do século XIX para o século XX e sua obra contenha muitos dos ideais iluministas que representam a vertente hegemônica da Modernidade, seu pensamento não deixa de conter da mesma forma a dimensão conflituosa e ambivalente presente na problemática moderna.

Ao levar em consideração a escola como a instituição demarcada, com a possibilidade da construção sistematizada do conhecimento pelo aluno, foi de fundamental importância a criação de algumas possibilidades e condições favoráveis, nas quais os alunos, professores e equipe de gestores puderam refletir sobre a prática pedagógica e passaram a atuar num clima mais condizente com a realidade de uma escola.

A teoria dos afetos criada por Freud é um dos exemplos de tal ambiguidade, pois se por um lado intenta engendrar uma ruptura entre as dimensões afetiva e representacional da experiência, submetendo-se às categorias da ciência de sua época, também comporta uma indefinição em momentos decisivos, que acaba por abrir espaço para que uma outra forma de pensar possa ser inferida das próprias palavras do psicanalista

Paulo Freire defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos gestores/educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir do ser humano.

Na gestão escolar, pode-se dizer que o gestor tem um papel fundamental, pois exerce uma função bastante complexa, ou seja, ele exerce três funções distintas, mas que se inter-relacionam entre si: autoridade escolar; educador e administrador. Como autoridade escolar, o diretor tem uma grande soma de responsabilidades em suas mãos. Já no papel de educador, deve possuir um conhecimento sobre o ensinar na escola, e a sua administração influencia diretamente na filosofia de trabalho da instituição, refletindo assim no processo ensino aprendizagem dos alunos. Sendo que antes de tudo é um educador, que deve se preocupar com o bem estar dos alunos e não apenas na busca de uma administração eficiente.

O afeto é o motor da aprendizagem, na medida em que considera o educando na interação com os colegas, com o professor e com os objetos de sua aprendizagem. A relação de afeto é imprescindível no momento da aprendizagem, pois serve para o desenvolvimento e evolução do aluno como um todo, onde a equipe gestora, sensível a este aspecto, propiciará a construção do conhecimento, juntamente com os professores, por meio de uma ação mais comprometida, ativa, criativa e crítica, preocupando-se constantemente em aproximar-se dos alunos, conhecendo-os e ajudando-os mutuamente a sentirem-se valorizados e importantes.

Os vínculos afetivos contribuem no processo de ensino aprendizagem uma vez que os interesses e as necessidades individuais são influenciados pelas relações afetivas que desempenham um papel importante na construção e funcionamento da inteligência.

O afeto assume um papel fundamental na constituição e no funcionamento da inteligência, pois são os motivos, necessidades, desejos que direcionam o interesse do aluno para o conhecimento e conquista do mundo ao seu redor.

O afeto torna-se um dos fatores preponderantes no processo de relacionamento do aluno consigo mesmo e com os outros, contudo, isso ocorre a partir de um caráter cognitivo já estabelecido, ou seja, ele consegue gerir uma exigência racional nas relações afetivas.

O estudo do afeto, no contexto educacional, pretende compreender a relação gestão-aluno, permeado pela participação ativa de ambos, envolvendo acordos e desacordos. Através dessa troca, o aluno constrói uma visão de mundo, baseada nos sentimentos, valores e significados que apreende do meio e especificamente no ambiente escolar.

Este trabalho de pesquisa teve como problema investigar a importância do afeto na aprendizagem, identificando como a interatividade entre a equipe gestora e aluno pode contribuir no processo ensino aprendizagem de forma acolhedora e prazerosa, destacando de que forma os vínculos afetivos entre a gestão escolar e os alunos atuam no cenário pedagógico.

Os objetivos principais dessa pesquisa foram perceber a aprendizagem dos alunos a partir dos laços afetivos constituídos entre os atores da escola; descrever as dificuldades de aprendizagem dos alunos considerando a relação de afeto entre a gestão escolar e analisar de que forma a relação de afeto entre os atores escolares e os alunos pode contribuir para a melhor aprendizagem.

Diante da discussão até aqui apresentada, fica clara a necessidade de se construir um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afeto, e que rompa com a concepção dissociada, relegando os aspectos afetivos e emocionais a segundo plano.

O presente trabalho é apenas o início de uma reflexão parcial deste tema que servirá de base para futuros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas. Papyrus, 1999.
- ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. (orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 1999.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarega. **A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem. IN: Afetividade e Aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ALMEIDA, S. F. C. de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. In Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, n. 1, 31-44, 1993.
- ASSIS, O. Z. M. **Uma nova metodologia de educação pré-escolar**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- BRESSOUX, Pascal. As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor. 2003. Tradução Isabel Cristina Rabelo Gomes. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 38, dez. 2003. pp. 17-88.
- CAMPOS, Roselaine Fátima; SCHEIBE, Leda. **A atuação do gestor escolar: dimensões política e pedagógica**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Escola de Gestores da Educação Básica: unidade III. Disponível em: [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/16/Politica\\_e\\_Gestao\\_da\\_Educacao/Texto\\_semana01\\_A\\_atuacao\\_do\\_gestor\\_escolar\\_-\\_dimensoes\\_politica\\_e\\_pedagogica.pdf](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/16/Politica_e_Gestao_da_Educacao/Texto_semana01_A_atuacao_do_gestor_escolar_-_dimensoes_politica_e_pedagogica.pdf). Acesso em: 05 de outubro de 2010.
- CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais**. Porto Alegre, 2005.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CORDIÉ, Anny (1996). **Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CORRÊA, C. P. **Psicanalista**. Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia. 2005
- CORRÊA, C.P. **Gozo do tempo**, Cogito, v. 4, Salvador, 2002.

COSTA, S.G .**Subjetividade e Complexidade na Gestão Escolar: um estudo de caso com participantes da Escola de Gestores 2010**. Brasília:UnB. Dissertação de mestrado 2011.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 19ª ed. Rio de Janeiro: sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os mestres dos mestres**. Rio de Janeiro: sextante, 2006.

DEUS, João de. Vida, apud MIGUEL, J. **Curso de Literatura II**. São Paulo: Harbra,1986.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de ensino e mediação do professor**. In AZZI, R.G. e Sadalla, A.M.F.A.(org.), **psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. (1950 [1892–1899]) **Fragmentos da correspondência com Fliess**. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995, v. 1.

FREUD, S. **Lembranças encobridoras**. Edição Standard.Rio de Janeiro: Imago, v. III,

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago,v. XXI, [1927] 1991.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago,v. XXI, [1930] 1989.

\_\_\_\_\_. **Psicologia de grupo e a análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII,?[1921] 1913.

\_\_\_\_\_(1914) **Algumas reflexões sobre a Psicologia do Escolar**. In: ESB, op. cit.? v

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOTTMAN, John. **Inteligência Emocional. A arte de ensinar nossos filhos**. 34edição São Paulo: Objetiva, 1997.

HAGUETTE, T.M.F. (1987) **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes.

KEATING, Kathleen. **A terapia do abraço**. São Paulo: Pensamento, 1997.

KUPFER M. C. (2001). **Educação para o futuro: Psicanálise e educação** (2ª ed.). São Paulo: 2001.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições De ensino e mediação do professor**. In AZZI, R.G. e Sadalla, A.M.F.A.(org.), **psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MACBEATH, John & MORTIMORE, Peter. 2001. *Improving School Effectiveness*. Buckingham: Open University Press.

MATTAR, Fauze N. Pesquisa de marketing: metodologia e planejamento. v.1. 5.ed.

PESSOA, F. Passagem das Horas. In **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

PORTO, Olívia, **Psicopedagogia Institucional – teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

RUBIM, Luiza et al **Psicanálise e Educação: desafios e perspectivas**. Disponível em:<[Educacao e Psicanalise na hipermodernidade.pdf](#)>. Acesso em: **7 jan. 14**

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & Inteligência**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&, São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

SOUZA, Regina Magalhães. **Escola e Juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC, 2003.

TANIS, B. **Memória e temporalidade: sobre o infantil na psicanálise**. São Paulo: Casado Psicólogo, 1995.

VIGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1987.

## APÊNDICE A



Universidade de Brasília – UnB  
 Faculdade de Educação - FE  
 Departamento de Pós-graduação  
 Especialização em Gestão Escolar  
 Planejamento e Práticas de Gestão Escolar

<b>Questionário para gestores e professores</b>	
<b>Centro de Ensino Fundamental 11 do Gama</b>	<b>Data de aplicação:</b> ____/____/____

Faço pós-graduação na UNB em que desenvolvo uma pesquisa sobre a importância do afeto entre gestão escolar, professores e alunos para a aprendizagem. Para a conclusão do meu trabalho é relevante a colaboração dos senhores, as informações aqui coletadas serão utilizadas somente para esta finalidade e mantidas em absoluto sigilo.

Atenciosamente,  
 Maria da Paz Campos Barros.

### **Questão 01**

Acredita que os alunos sobrevividos de famílias bem estruturadas terão melhor rendimento escolar?

( ) Sim

( ) Não

Por quê?

---



---



---

### **Questão 02**

Considera que a vivência trazida pelos alunos influencia no processo de ensino aprendizagem?

( ) Nunca

( ) Sempre

( ) Às vezes

Por quê?

---



---



---

**Questão 03**

Vê no aluno um indivíduo que não só aprende mas que também ensina?

( ) Sim

( ) Não

Por quê?

---

---

---

**Questão 04**

Trata o aluno considerando sua singularidade?

( ) Sempre

( ) Nunca

( ) Às vezes

Por quê?

---

---

---

**Questão 05**

Considera que a sua subjetividade possa influenciar na subjetividade do aluno?

( ) Sempre

( ) Nunca

( ) Às vezes

Por quê?

---

---

---

**Questão 06**

Considera relevante a constituição de laços afetivos entre os segmentos escolares para uma melhor aprendizagem dos alunos?

( ) Sim

( ) Não

Em caso de resposta afirmativa, o que faria para proporcionar a constituição de laços afetivos entre a gestão e os segmentos escolares?

## APÊNDICE B



Universidade de Brasília - UnB  
 Faculdade de Educação - FE  
 Departamento de Pós-graduação  
 Especialização em Gestão Escolar  
 Planejamento e Práticas de Gestão Escolar

Questionário para alunos	
<b>Centro de Ensino            Fundamental 11 do Gama</b>	<b>Data de aplicação:</b> ___/___/___

Faço pós-graduação na UNB em que desenvolvo uma pesquisa sobre a importância do afeto entre gestão escolar, professores e alunos para a aprendizagem. Para a conclusão do meu trabalho é relevante a colaboração dos senhores, as informações aqui coletadas serão utilizadas somente para esta finalidade e mantidas em absoluto sigilo.

Atenciosamente,  
 Maria da Paz Campos Barros.

### Questão 01

Como vê o ambiente escolar?

( ) Ótimo

( ) Bom

( ) Ruim

Por quê?

---



---



---

### Questão 02

Qual a sua relação com a equipe gestora da escola?

( ) Ótima

( ) Boa

( ) Ruim

Por quê?

---



---



---

**Questão 03**

Qual o perfil da gestão escolar desejado por você?

( ) Técnico

( ) Cordial

Por quê?

---

---

---

**Questão 04**

Você acredita que a gestão escolar trabalha para o seu crescimento pessoal?

( ) Sempre

( ) Nunca

( ) Às vezes

Por quê?

---

---

---

**Questão 05**

É importante que a gestão escolar considere as relações afetivas no ambiente escolar para que tenha bom aprendizado?

( ) Sim

( ) Não

( ) Às vezes

Por quê?

---

---

---

**Questão 06**

Considera relevante a constituição de laços afetivos entre os segmentos escolares para sua melhor aprendizagem?

( ) Sim

( ) Não

Em caso de resposta afirmativa, o que faria para proporcionar a constituição de laços afetivos entre os segmentos escolares e os alunos?

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito objeto da pesquisa, que fui devidamente esclarecido a respeito do Projeto de Pesquisa versando sobre \_\_\_\_\_ *Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.* Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida, do Curso de \_\_\_\_\_ da Universidade de Brasília, quanto aos seguintes aspectos:

- a) Justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- b) Garantia de esclarecimento antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia, com informação prévia sobre a possibilidade de inclusão em grupo de controle e placebo;
- c) Liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;
- d) Garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-lhe absoluta privacidade.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

Gama, de \_\_\_\_\_ de 2014.

**QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE**

Sujeito Objeto da pesquisa

Nome: \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Sexo: M (  ) F (  )

Endereço: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

---

**Assinatura do Declarante**

## DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para realização desta pesquisa.

Gama, de de 2014.

---

**Assinatura do Pesquisador**